

# MAZE RUNNER

---

## A CURA MORTAL

JAMES DASHNER



MAZE RUNNER  

---

A CURA MORTAL



Editora: Flavia Lago  
Assistente editorial: Natália Chagas Máximo  
Preparação: Alessandra Miranda de Sá  
Revisão: Laila Guilherme  
Direção de arte: Paula Fernández  
Diagramação: Linea Editora Ltda.  
Capa: Marcelo Orsi Blanco  
EPUB: Pamella Destefi

Título original: The Death Cure

© 2011 James Dashner  
© 2012 Vergara & Riba Editoras S/A  
vreditoras.com.br

Todos os direitos reservados. Proibidos, dentro dos limites estabelecidos pela lei, a reprodução total ou parcial desta obra, o armazenamento ou a transmissão por meios eletrônicos ou mecânicos, fotocópias ou qualquer outra forma de cessão da mesma, sem prévia autorização escrita das editoras.

Rua Cel. Lisboa, 989 - Vila Mariana  
CEP 04020-041 - São Paulo - SP  
Tel./Fax: (55 11) 4612-2866  
editoras@vreditoras.com.br

eISBN 978-85-7683-532-5

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Dashner, James

Maze runner[livro eletrônico]: A cura mortal / James Dashner; tradução Magda Lopes. – São Paulo: V&R Editoras, 2014. – (Maze runner)  
1,5 Mb; ePUB.

Título original: Maze runner: The death cure.  
ISBN 978-85-7683-532-5

1. Ficção - Literatura juvenil I. Título. II. Série.  
14-07807 CDD-028.5

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura juvenil 028.5

MAZE RUNNER

---

A CURA MORTAL

JAMES DASHNER

---

TRADUÇÃO: MAGDA LOPES



Este livro é dedicado à minha mãe –  
o melhor ser humano que já existiu.

**F**oi o cheiro que começou a enlouquecer Thomas pouco a pouco.

Não o fato de estar sozinho há mais de três semanas. Não mais as paredes, o teto e o chão brancos. Tampouco a ausência de janelas ou o fato de nunca apagarem as luzes. Nada disso. Haviam levado seu relógio e lhe davam para comer a mesmíssima refeição três vezes por dia – fatias grossas de presunto, purê de batatas, cenoura crua, uma fatia de pão e água. Jamais falavam com ele; jamais tinham permitido a presença de outra pessoa no quarto. Sem livros, sem filmes, sem jogos.

Isolamento completo, por mais de três semanas – embora começasse a duvidar da contagem do tempo, que se baseava puramente em seu instinto. Tentava adivinhar da melhor maneira possível quando a noite caía; certificava-se de dormir apenas o que achava ser o número normal de horas de sono. As refeições ajudavam, apesar de não parecerem vir regularmente. Como se o objetivo fosse mesmo deixá-lo desorientado.

Sozinho. Em um quarto acolchoado desprovido de cor – as únicas exceções eram um pequeno vaso sanitário de aço inoxidável, quase escondido num dos cantos, e uma velha escrivaninha de madeira para a qual Thomas não via uso. Só em meio a um silêncio insuportável, com tempo ilimitado para pensar sobre a doença enraizada dentro dele: o Fulgor, aquele vírus silencioso e rastejante que lentamente ia destruindo todas as características humanas.

Porém, nada disso o fazia enlouquecer.

Mas ele fedia, e, por alguma razão, isso o deixava com os nervos à flor da pele – o mau cheiro era algo que perfurava o sólido bloco da sanidade. Não haviam permitido que tomasse banho, nem de chuveiro nem de banheira; não haviam lhe dado sequer uma muda de roupa limpa desde que tinha chegado

ali, ou qualquer coisa com a qual pudesse higienizar o corpo. Um simples trapo teria ajudado; podia mergulhá-lo na água que lhe davam para beber e limpar pelo menos o rosto. Mas não tinha nada, exceto as roupas, agora sujas, que vestia quando o haviam trancado ali. Não tinha sequer um colchão e roupas de cama – dormia todo encolhido, o traseiro encostado num dos cantos do quarto, os braços enlaçados, tentando conseguir algum calor em si mesmo, muitas vezes tremendo.

Não sabia por que o fedor do próprio corpo era o que mais o apavorava. Talvez esse fato, em si, fosse um sinal de que havia perdido o controle sobre ele. Por alguma razão, as más condições de higiene pressionavam-lhe a mente, provocando pensamentos terríveis. Estava apodrecendo, decompondo-se; seu interior se tornava repugnante à mesma proporção que o exterior ficava frágil.

Era isso que o preocupava, por mais irracional que pudesse parecer. Recebia alimento e água suficiente para dissipar a sede; conseguia descansar bastante e se exercitava o máximo que podia naquele espaço limitado, com frequência correndo no mesmo lugar durante horas. A lógica lhe dizia que estar sujo não significava deterioração das funções do coração ou do pulmão. Mesmo assim, sua mente começava a acreditar que o incessante mau cheiro representava a iminência da morte, prestes a devorá-lo por inteiro.

Esses pensamentos sinistros, por sua vez, faziam-no ponderar que Teresa, afinal, talvez não houvesse mentido na última vez em que tinham se comunicado, quando dissera que era tarde demais para Thomas e insistira que ele havia sucumbido ao Fulgor com rapidez, enlouquecendo e tornando-se violento. Teresa lhe dissera que já havia perdido a sanidade antes de ir para aquele lugar horrível. Até Brenda tinha lhe advertido de que as coisas ficariam piores para ele. Talvez ambas estivessem certas.

E, além de tudo isso, ainda havia a preocupação com seus amigos. O que havia acontecido a eles? Onde estavam? Que estragos mentais o Fulgor já teria lhes causado? Depois de tudo a que haviam sido submetidos, era assim que a história terminava?

A raiva o invadiu, como um rato trêmulo que busca um lugar para se aquecer, uma migalha de comida. E, cada dia que passava, uma raiva crescente o assaltava, tão intensa que Thomas às vezes se surpreendia tremendo incontrolavelmente antes de poder dominá-la. Não queria que fosse embora para sempre; desejava apenas armazená-la e deixá-la crescer. Esperar pelo

momento certo, o lugar adequado para liberá-la. O CRUEL fizera aquilo com ele. O CRUEL lhe tirara a vida, e a dos amigos, e os usava agora para qualquer propósito que julgasse necessário. Não importavam as consequências.

Mas pagariam por isso de alguma forma, jurava Thomas a si mesmo milhares de vezes ao dia.

Todas essas coisas passavam por sua mente quando se sentou, as costas contra a parede, encarando a porta – e a escrivaninha de mau gosto diante dela –, no que supunha ser o final da manhã do seu vigésimo segundo dia como cativo no quarto branco. Sempre fazia isso após tomar o café da manhã e se exercitar. Esperava, contra todas as provas em contrário, que a porta se abrisse – na verdade, que se abrisse inteira, não apenas aquela diminuta abertura embaixo, através da qual passavam as refeições.

Já havia tentado incontáveis vezes abri-la à força. Também tinha verificado as gavetas da escrivaninha: vazias; nada ali, exceto o cheiro de mofo e cedro. Checava-as todas as manhãs, só para conferir se algo não havia aparecido ali magicamente enquanto dormia. Não era incomum acontecer esse tipo de coisa quando se tratava do CRUEL.

Continuou a olhar fixamente para a porta. Esperando. Paredes brancas e silêncio. O odor do próprio corpo. Pensou nos amigos – Minho, Newt, Caçarola, os outros poucos Clareanos sobreviventes. Em Brenda e Jorge, que haviam sumido de vista depois do resgate do gigantesco Berg. Harriet e Sonya, as outras garotas do Grupo B, e Aris. De novo em Brenda, e na advertência que lhe fizera após ter acordado pela primeira vez no quarto branco. Como havia conseguido se comunicar telepaticamente com Thomas? Estaria ou não do lado dele?

Mas, sobretudo, pensava em Teresa. Não conseguia tirá-la da cabeça e a odiava um pouco mais a cada instante. Suas últimas palavras para ele haviam sido: o CRUEL é bom, e, bem ou mal, ela passara a simbolizar tudo de horrível que tinha lhe acontecido. Toda vez que pensava nela, a raiva fervilhava dentro dele.

Talvez a raiva fosse o último fio que o ligasse à sanidade durante aquela espera interminável.

Comer. Dormir. Exercitar-se. Sede de vingança. Foi essa a vida de Thomas durante mais três dias. Sozinho.

No vigésimo sexto dia, a porta se abriu.

**T**homas imaginou inúmeras vezes aquilo acontecendo. O que faria, o que diria. Como se precipitaria e atacaria qualquer um que entrasse e sairia correndo para fugir dali. Mas esses pensamentos lhe ocorriam, mais que por qualquer outra coisa, quase por diversão. Sabia que o CRUEL não deixaria que algo assim acontecesse. Não; precisava planejar todos os detalhes antes de arriscar sequer um movimento.

Quando aquilo realmente aconteceu – quando a porta se abriu, com um ruído leve como um sopro, e começou a se escancarar –, Thomas ficou surpreso diante da própria reação: não fez absolutamente nada. Algo lhe dizia que uma barreira invisível havia surgido entre ele e a escrivaninha – como acontecera após terem saído do Labirinto. O momento da ação não havia chegado. Não ainda.

Sentiu apenas uma ligeira surpresa à entrada do Homem-Rato – o sujeito que havia contado aos Clareanos sobre os Experimentos no Deserto, o último pelo qual tinham passado. O mesmo nariz comprido, os olhos semelhantes aos de uma doninha; aquele cabelo seboso, poucos fios penteados sobre uma careca evidente, que tomava metade de sua cabeça. E o mesmo terno branco ridículo. No entanto, parecia mais pálido que da última vez. Segurava uma grossa pasta repleta de papéis amassados e amontoados na dobra de um dos cotovelos, arrastando uma cadeira de encosto reto.

– Bom dia, Thomas – cumprimentou ele com um aceno formal da cabeça. Sem esperar resposta, fechou a porta, colocou a cadeira atrás da escrivaninha e sentou. Colocou a pasta diante dele, abriu-a e passou a folhear as páginas. Quando encontrou a que buscava, parou e a pegou nas mãos. Em seguida, esboçou um sorriso patético, os olhos pousando vagarosamente sobre Thomas.

Só quando o garoto fez menção de se manifestar foi que se deu conta de que não o fazia havia semanas, e a voz surgiu como um grasnado:

– Só será um bom dia se me deixar sair daqui.

A expressão do homem não exibiu nem um vislumbre de movimentação.

– Sim, sim, eu sei. Não precisa se preocupar; hoje você vai ouvir novidades muito positivas. Confie em mim.

Thomas refletiu a respeito, envergonhado por deixar que o Homem-Rato despertasse suas esperanças, ainda que por um segundo. Àquela altura, não deveria mais ser tão ingênuo.

– Notícias positivas? Não nos escolheram, afinal, porque achavam que fôssemos inteligentes?

O Homem-Rato permaneceu em silêncio por vários segundos antes de responder:

– Inteligentes, sim. Entre muitas outras razões importantes. – Fez uma pausa e estudou Thomas antes de continuar: – Acha que gostamos disso tudo? Por acaso pensa que nos divertimos vendo-os sofrer? Isso tudo aconteceu por um propósito, que logo fará sentido para você. – A intensidade de sua voz foi aumentando até praticamente gritar a última palavra, o rosto agora vermelho.

– Uau! – disse Thomas, sentindo-se corajoso pelo menos durante aquele minuto. – Esfrie a cabeça aí, meu velho. Você parece a três passos de um ataque cardíaco. – Sentiu-se bem ao deixar as palavras fluírem.

O homem se levantou da cadeira e se inclinou para a frente, sobre a escrivaninha. As veias do pescoço incharam como cordas tensas de um instrumento. Tornou a sentar-se lentamente e respirou fundo várias vezes.

– Seria de esperar que quase quatro semanas nesta caixa branca tornariam um garoto humilde. Mas você parece mais arrogante que nunca.

– Então vai me dizer que não estou louco? Que não tenho o Fulgor? Que nunca tive? – Thomas não conseguia se conter. A raiva crescia dentro dele, até que se sentiu prestes a explodir. Mas se obrigou a impor calma à voz. – Foi isso que me manteve são durante todo esse tempo. No fundo, sei que mentiu para Teresa, que este é apenas mais um de seus Experimentos. E então? Para onde eu vou agora? Vão me mandar para a mértila da Lua? Vão me obrigar a nadar no oceano só de cuecas? – Sorriu para enfatizar a ironia das palavras.

O Homem-Rato observava Thomas com olhos inexpressivos durante seu

desvario.

– Acabou?

– Não, não acabei. – Havia dias e dias aguardara uma oportunidade para falar, mas, agora que ela havia surgido de fato, sua mente ficara vazia. Tinha esquecido de todos os cenários projetados na mente. – Quero... que me conte tudo. Agora.

– Oh, Thomas – falou o Homem-Rato com calma, como se fosse dar uma notícia triste a uma criança pequena. – Não mentimos sobre isso. Vocês têm o Fulgor.

Thomas se sentiu embaraçado; um calafrio cortou o ímpeto de sua raiva. Será que mesmo depois de tudo o Homem-Rato continuava a mentir?, ponderou. Mas deu de ombros, como se fosse indiferente àquela notícia.

– Bem, não comecei a enlouquecer ainda. – Até certo ponto, após todo aquele tempo atravessando o Deserto, convivendo com Brenda e cercado por Cranks, conformara-se com o fato de que tivesse mesmo contraído o vírus. Mas se convencera de que por ora estava bem; estava são. E era isso o que importava.

O Homem-Rato deixou escapar um suspiro.

– Você não entende. Não entende o que vim aqui para lhe dizer.

– Por que deveria acreditar em uma só palavra que saísse de sua boca? Como pode esperar isso de mim?

Thomas percebeu que estava em pé, embora não tivesse lembrança de ter se levantado. Seu peito se agitou em inspirações pesadas. Precisava se controlar. O olhar do Homem-Rato era frio, os olhos semelhantes a dois poços negros. Não importava se o homem havia mentido ou não; Thomas sabia que teria de ouvi-lo se quisesse algum dia sair daquele quarto branco. Obrigou-se a se tranquilizar. E esperou.

Depois de vários segundos de silêncio, o visitante prosseguiu:

– Sei que mentimos para você. Muitas vezes. Fizemos coisas terríveis com você e seus amigos. Mas era tudo parte de um plano com o qual vocês não apenas concordaram, mas ajudaram a planejar. Tivemos de levá-lo um pouco mais adiante do que pretendíamos no início; não há dúvida sobre isso. Entretanto, tudo permaneceu em conformidade com o espírito do que os Criadores vislumbraram, do que vocês mesmos vislumbraram.

Thomas sacudiu a cabeça lentamente; lembrava-se de já ter um dia, de algum modo, se envolvido com aquelas pessoas; mas a ideia de fazer qualquer um passar pelo que tinha passado era inconcebível.

– Você não me respondeu. Como pode esperar que eu acredite em qualquer coisa que me diga? – Recordava de mais coisas do que deixava transparecer, é claro. Embora a janela para o passado estivesse embaçada de sujeira, revelando pouco mais que vislumbres enevoados, sabia que havia trabalhado com o CRUEL. Sabia que Teresa também o tinha feito e que haviam ajudado a criar o Labirinto. Além destes, existiam outros flashes de memória.

– Ora, Thomas, não há razão de mantê-lo no escuro – respondeu o Homem-Rato. – Não mais.

Thomas sentiu um repentino cansaço, como se todas as forças houvessem se esvaído de seu corpo. Deixou-se cair no chão com um profundo suspiro. Balançou a cabeça.

– Não sei o que está dizendo. – Qual era a razão de ter uma conversa se não se podia confiar nas palavras?

O Homem-Rato continuou falando, mas seu tom mudou; tornou-se menos objetivo e clínico, e mais professoral.

– Obviamente você tem consciência de que temos uma terrível doença devorando a mente dos humanos no mundo todo. Tudo o que fizemos até agora foi calculado com um único propósito: analisar padrões cerebrais e construir um plano segundo os dados obtidos. O objetivo é usar esse plano para desenvolver uma cura para o Fulgor. As vidas perdidas, a dor e o sofrimento, você conhecia esses riscos mesmo antes de começar. Todos conhecíamos. Tudo foi feito para garantir a sobrevivência da raça humana. E estamos muito perto. Muito, muito perto.

Várias lembranças atravessaram a mente de Thomas. A Transformação, os sonhos que havia tido desde então, vislumbres fugazes aqui e ali, como lampejos velozes de luz riscando-lhe a consciência. E, naquele exato momento, ouvindo a conversa do homem de terno branco, parecia estar à beira de um penhasco, de cujas profundezas as respostas viriam à tona, a qualquer instante, para que as compreendesse por completo. A urgência em obter as respostas era quase perigosa demais para continuar olhando dali o desfiladeiro.

Mas não perdera a consciência. Havia sido uma parte daquilo tudo, tinha

ajudado a planejar o Labirinto, havia assumido a liderança depois que os Criadores originais tinham sucumbido e mantido o progresso do programa com novos recrutas.

– Lembro o suficiente para me envergonhar de mim mesmo – admitiu. – Mas suportar esse tipo de abuso é bem diferente de planejá-lo. Isso não está certo.

O Homem-Rato coçou o nariz e mudou de posição na cadeira. Algo que Thomas dissera o havia afetado.

– Vamos ver o que você pensa no final do dia, Thomas. Vamos ver. Mas deixe-me perguntar o seguinte: está me dizendo que a vida de alguns não tem valor se for para salvar outras, incontáveis? – De novo o homem se expressou com paixão, inclinando-se para a frente. – É um clichê, eu sei, mas você não acredita que o fim justifica os meios quando não há outra escolha?

Thomas o encarou fixamente. Era uma pergunta para a qual não havia uma boa resposta.

O Homem-Rato poderia ter sorrido, mas parecia mais propenso a um comentário zombeteiro.

– Lembre-se apenas de que em certa ocasião você acreditou que justificasse, Thomas. – Começou a juntar os papéis como se estivesse de saída, mas não fez menção de se levantar. – Estou aqui para lhe dizer que tudo está pronto e que nossos dados estão quase completos. Estamos a um passo de algo imenso. Quando tivermos o Esboço em mãos, pode se queixar com seus amigos sobre o quanto fomos injustos.

Thomas queria atingir o homem com palavras ásperas, mas tentou se conter:

– Como nos torturar poderia resultar nesse Esboço do qual está falando? O que poderia justificar o envio de um bando de adolescentes, contra a própria vontade, a lugares terríveis, ou mesmo observar alguns deles morrer? De que maneira todo esse horror pode se relacionar com a cura de uma doença?

– Tem tudo a ver com isso. – O Homem-Rato suspirou pesadamente. – Garoto, logo você vai se lembrar; e tenho a sensação de que vai se arrepender um bocado. Nesse meio-tempo, há algo que precisa saber. Talvez a informação o faça recuperar a razão.

– E o que é? – Thomas não tinha a menor ideia do que o homem queria dizer.

O visitante se levantou, alisou o vinco da calça e ajeitou o paletó. Depois juntou as mãos às costas numa postura solene.

– O vírus do Fulgor está em todas as partes de seu corpo, mas não tem efeito sobre você, e jamais terá. Você faz parte de um grupo seletivo, Thomas, porque é Imune ao Fulgor.

Thomas engoliu em seco, incapaz de articular as palavras.

– Lá fora, nas ruas, chamam pessoas assim de Privilegiados. – O Homem-Rato prosseguiu: – E eles odeiam, odeiam mesmo gente como você.

**T**homas não conseguia concatenar os pensamentos. Apesar de todas as mentiras que haviam lhe contado, tinha certeza de que o que acabara de ouvir era verdade. Se levado em conta em relação aos últimos Experimentos, fazia muito sentido. Ele, e provavelmente os outros Clareanos, bem como todos do Grupo B, eram Imunes ao Fulgor. Por isso haviam sido escolhidos para os Experimentos. Tudo o que acontecia a eles – todas as peças que haviam lhes pregado, as mentiras, os monstros colocados no caminho – tinha sido parte de um plano bem elaborado. E, de algum modo, aquilo conduzia o CRUEL a uma cura.

Tudo se encaixava. Mais que isso, a revelação provocou um lampejo de lembrança. Parecia algo familiar.

– Posso ver que acredita em mim – disse o Homem-Rato por fim, rompendo o longo silêncio. – Quando descobrimos que havia pessoas como você, com o vírus enraizado dentro delas, mas sem exibir os sintomas, procuramos os melhores e os mais brilhantes desse grupo. Foi assim que o CRUEL nasceu. É claro que alguns do seu grupo experimental não são Imunes; foram escolhidos como indivíduos-controle. Quando se realiza um Experimento, é necessário um grupo-controle, Thomas. Eles são como uma liga que mantém os dados no contexto.

Essa última parte fez o coração de Thomas se oprimir.

– Quem não é... – A pergunta não saiu. Estava apavorado demais para ouvir a resposta.

– Quem não é Imune? – As sobrancelhas do Homem-Rato se arquearam. – Bem, acho que eles vão descobrir antes de você, não concorda comigo? Mas façamos uma coisa de cada vez. Você fede como um cadáver, morto há uma

semana. Vou levá-lo para um banho e lhe arranjarei roupas limpas. – Com isso, pegou a pasta e se virou na direção da porta. Estava prestes a transpô-la, quando a mente de Thomas entrou em foco.

– Espere! – gritou.

O visitante se virou para trás para encará-lo.

– O que foi?

– Quando falou sobre o Refúgio Seguro, por que mentiu a respeito de existir uma cura para o Fulgor?

O Homem-Rato deu de ombros.

– Não acho que tenha sido uma mentira. Ao completar os Experimentos e chegar ao Refúgio Seguro, vocês de fato nos ajudaram a coletar mais dados. E, por causa deles, haverá uma cura. Para todos.

– Por que está me contando tudo isso? Por que agora? E por que me mantiveram aqui durante quatro semanas? – Thomas andou a esmo pelo quarto, examinando o teto e as paredes acolchoadas, e o patético vaso sanitário a um canto. As lembranças esparsas não estavam suficientemente sólidas para extrair qualquer sentido das coisas bizarras pelas quais havia passado. – Por que mentiram para Teresa, dizendo-lhe que fiquei louco e violento, e me mantiveram aqui todo esse tempo? Qual é a razão disso?

– Variáveis – respondeu o Homem-Rato. – Tudo o que fizemos com você foi cuidadosamente calculado pelos Psis e pelos médicos. Provocamos essas situações para estimular respostas na Zona de Conflito Letal, onde o Fulgor causa danos; para estudar os padrões de diferentes emoções, reações e pensamentos, e ver como trabalham nas profundezas do vírus enraizado em você. Desejamos entender por quê, em você, não há um efeito debilitante. E tudo isso está relacionado aos padrões da Zona de Conflito Letal, Thomas. Mapeamos suas reações cognitivas e fisiológicas para criar um Esboço para a cura potencial. Tudo o que fazemos é visando à cura.

– Onde é a Zona de Conflito Letal? – perguntou Thomas, tentando se lembrar, mas deparando apenas com um vácuo mental. – Responda-me apenas esta última pergunta, e vou com você.

– Por quê, Thomas? – replicou o homem. – Estou surpreso que ter sido atormentado pelos Verdugos não o tenha feito se lembrar de mais coisas. A Zona de Conflito Letal é o seu cérebro; é nele que o vírus se instala e se

apodera da pessoa. Quanto mais infectada a Zona de Conflito Letal, mais paranoico e violento é o comportamento do infectado. O CRUEL está usando seu cérebro, e o dos poucos outros sobreviventes, para nos ajudar a achar uma cura. – O Homem-Rato parecia satisfeito consigo mesmo. Quase feliz. – Agora, venha. É hora do banho. E, apenas para que saiba, estamos sendo observados. Tente qualquer coisa, e haverá consequências.

Thomas sentou-se, tentando processar todas as informações que acabara de ouvir. As palavras soavam verdadeiras, e os dados se encaixavam, levando em conta as lembranças das últimas semanas. No entanto, a desconfiança que sentia pelo Homem-Rato e pelo CRUEL ainda lançava dúvidas sobre tudo o que ouvira.

Então se levantou, deixando a mente trabalhar em meio às novas revelações, no aguardo de que se associassem em belas e pequenas pilhas para análise posterior. Sem mais uma palavra, atravessou o quarto e seguiu o Homem-Rato porta afora, deixando atrás de si a cela alva e ofuscante.

Nada chamava a atenção no prédio em que se encontrava. Um longo corredor de piso ladrilhado, paredes bege com quadros emoldurados que retratavam cenas da natureza: ondas rebentando numa praia, um beija-flor pairando ao lado de uma flor vermelha, chuva e névoa encobrendo uma floresta. Lâmpadas fluorescentes acima deles iluminavam o caminho. O Homem-Rato o conduziu por um trajeto sinuoso, até pararem diante de uma porta. Ele a abriu e fez um gesto para que Thomas entrasse. Era um grande banheiro com armários e chuveiros alinhados. Um dos armários tinha a porta aberta, exibindo roupas limpas e um par de tênis. E até mesmo um relógio de pulso.

– Você tem cerca de trinta minutos – instruiu o Homem-Rato. – Quando estiver pronto, é só sentar e virei buscá-lo. Depois vai se juntar a seus amigos.

Por alguma razão, diante da palavra amigos, a imagem de Teresa surgiu na mente de Thomas. Tentou chamá-la mentalmente, mas nada aconteceu. Apesar do crescente desdém que sentia por ela, o vazio de sua ausência ainda pairava como uma bolha de ar inquebrável dentro dele. Era um vínculo com o passado, e tinha certeza, sem sombra de dúvida, de que ela fora sua melhor amiga – aliás, essa era uma das únicas coisas em sua existência de que tinha certeza. Thomas teve muita dificuldade em afastá-la do pensamento.

O Homem-Rato lhe fez um aceno com a cabeça.

– Vejo você daqui a meia hora – falou. Em seguida, abriu a porta e a fechou atrás de si, deixando Thomas sozinho mais uma vez.

Ainda não tinha outro plano além de encontrar os amigos, mas pelo menos estava um passo mais próximo dele. E, embora não tivesse ideia do que esperar, pelo menos saía daquele quarto. Enfim. E, agora, um banho quente. A oportunidade de se limpar. Nada jamais lhe soara tão agradável. Deixando as preocupações de lado por ora, Thomas tirou as roupas imundas e foi tratar de se tornar humano de novo.

**C**amiseta, jeans e tênis, como os que usava no Labirinto. Meias limpas e macias. Depois de se lavar da cabeça aos pés pelo menos cinco vezes, sentiu-se renascer. Não conseguia impedir o pensamento de que dali em diante as coisas iriam melhorar. Que a partir daquele momento assumiria o controle da própria vida. Se pelo menos o espelho não lhe lembrasse da tatuagem – aquela que aparecera antes de irem para o Deserto. A tatuagem era um símbolo permanente do que havia enfrentado, e gostaria de poder esquecer aquilo tudo.

Ficou de pé do lado de fora do banheiro, encostado à parede com os braços cruzados, só esperando. Ponderou se o Homem-Rato voltaria mesmo ou se deixaria Thomas perambulando pelo lugar, para dar início a mais um Experimento. Mal havia iniciado aquela linha de reflexão, quando ouviu passos e viu a roupa branca surgir na extremidade do corredor.

– Ora, ora. Não é que está com um aspecto bem agradável? – comentou o Homem-Rato, os cantos da boca se curvando para cima, em direção às maçãs do rosto, fazendo despontar um sorriso aparentemente desconfortável.

Umhas cem respostas sarcásticas cruzaram o pensamento de Thomas, mas optou por se comportar direito. Tudo o que importava no momento era reunir o máximo de informações possíveis e, em seguida, encontrar com os amigos.

– Sinto-me ótimo, realmente. Bem... obrigado. – Obrigou-se a estampar um sorriso casual no próprio rosto. – Quando verei os outros Clareanos?

– Agora mesmo. – O Homem-Rato era todo profissionalismo. Apontou com a cabeça o lugar de onde tinha vindo e fez um gesto para que Thomas o seguisse. – Todos vocês foram submetidos a diferentes tipos de testes para a

Terceira Fase dos Experimentos. Esperávamos ter os padrões da Zona de Conflito Letal mapeados no final da Segunda Fase, mas tivemos de improvisar e seguir adiante. No entanto, como lhe disse, estamos muito perto. Agora, todos serão parceiros no estudo, o que nos ajudará no ajuste e aprofundamento necessários, até resolvermos este quebra-cabeça.

Thomas revirou os olhos. Supunha que sua Terceira Fase havia sido o quarto branco, mas e quanto aos outros? Por mais que houvesse odiado o próprio Experimento, não conseguia evitar o pensamento de que o CRUEL seria capaz de outras formas ainda piores de tortura. Quase desejava jamais descobrir o que haviam planejado para seus amigos.

O Homem-Rato chegou a uma porta. Abriu-a sem hesitação e a transpôs.

Adentraram um pequeno auditório, e Thomas sentiu um alívio imediato. Espalhados por cerca de uma dúzia de fileiras de cadeiras estavam seus amigos, em segurança e com aparência bastante saudável. Os Clareanos e as garotas do Grupo B. Minho, Caçarola, Newt, Aris, Sonya, Harriet. Todos pareciam felizes – falavam e sorriam –, embora pudessem, até certo ponto, fingir toda aquela descontração. Thomas supôs que também haviam contado a eles que o sofrimento tinha chegado ao fim, mas duvidava que qualquer um deles houvesse acreditado na história. Ele, por certo, não acreditara. Não ainda.

Olhou pela sala procurando por Jorge e Brenda; desejava rever a amiga. Estava ansioso com relação a seu desaparecimento depois que o Berg os resgatara, preocupado que o CRUEL a tivesse enviado, na companhia de Jorge, ao Deserto, como ameaçara fazer a princípio. Mas ali não havia nem sinal dos dois. Entretanto, antes que pudesse perguntar sobre eles ao Homem-Rato, uma voz sobressaiu em meio ao burburinho, e Thomas não conseguiu evitar que um sorriso largo se abrisse em seu rosto:

– Digam se me enganei, se é que não estou em algum paraíso de mértila, mas não é nosso amigo Thomas? – gritou Minho. O anúncio foi seguido por saudações e assobios. Uma onda de alívio, mesclada a preocupação, fazia o estômago de Thomas revirar, e ele continuou a esquadrihar rostos na sala. Emocionado demais para falar, continuou apenas sorrindo, até que seus olhos encontraram os de Teresa.

Ela se levantou e ajeitou a cadeira no fim da fila para observá-lo melhor. O cabelo negro, bem tratado, escovado e brilhante caía-lhe sobre os ombros, emoldurando o rosto de pele muito clara. Os lábios vermelhos se abriram em

um enorme sorriso, que iluminou suas feições, fazendo os olhos azuis cintilar. Thomas quase foi até ela, mas se conteve, a mente enevoada com vivas lembranças do que Teresa havia feito com ele, a afirmação de que o CRUEL era bom, mesmo depois de tudo o que ocorrera.

Consegue me ouvir?, dirigiu-se a ela telepaticamente, apenas para verificar se a habilidade retornara.

Mas Teresa não respondeu, e ele não sentia, de fato, a presença da voz dela dentro dele; apenas um vazio. Ficaram os dois ali de pé, entreolhando-se, os olhos imóveis pelo que pareceu ter durado um minuto inteiro, embora pudesse ter sido apenas alguns segundos. Logo Minho e Newt estavam ao lado dele, dando-lhe tapinhas nas costas, pegando sua mão e o arrastando para dentro da sala.

– Bem, pelo menos não foi ferido nem sangrou até morrer, Tommy – disse Newt, apertando com firmeza a mão dele. O tom de voz parecia mais nervoso que o habitual, especialmente considerando que não se viam há semanas. No entanto, estava inteiro – era algo a agradecer.

Minho tinha um sorriso forçado no rosto, mas um brilho duro no olhar evidenciava que havia passado por situações difíceis. Que ainda não tinha voltado a ser inteiramente o que era, embora se esforçasse ao máximo para agir como se fosse o mesmo de antes.

– Os poderosos Clareanos, juntos de novo. É bom saber que está vivo, seu cara de mértila. Imaginei você morto em cerca de cem maneiras diferentes. Aposto que chorou todas as noites com saudades de mim.

– Claro que sim – murmurou Thomas, entusiasmado por rever todos eles, mas ainda se esforçando para encontrar as palavras. Separou-se do grupo e se dirigiu aonde Teresa estava. Sentia uma urgência esmagadora em fitá-la, para ver se lhe transmitia algum tipo de paz, até poder decidir o que fazer. – Oi.

– Oi – respondeu ela. – Você está bem?

Thomas assentiu.

– Acho que sim. Foram semanas bastante difíceis. Você consegue... – Deteve-se. Quase tinha confessado sua tentativa de chamá-la mentalmente, mas não quis lhe dar o gostinho de saber que havia tentado algo parecido.

– Eu tentei, Tom. Todos os dias, tentei me comunicar com você. Eles cortaram nossa comunicação, mas acho que valeu a pena. – Ela estendeu a

mão e pegou a dele, o que desencadeou um coro de gozações por parte dos Clareanos.

Thomas se desvencilhou das mãos dela com rapidez, sentindo o rosto enrubescer. Por alguma razão, as palavras dela o haviam deixado zangado de repente, embora os demais interpretassem a violência do gesto como mero constrangimento.

– Puxa! – falou Minho. – É quase tão doce quanto aquela vez que ela atingiu sua cara de mértila com a ponta de uma lança.

– Isso é que é amor de verdade – acrescentou Caçarola, e a frase foi acompanhada pela peculiar gargalhada animalesca. – Mal posso esperar para ver o que acontecerá quando os dois tiverem a primeira briga de verdade.

Thomas não se importava com o que os amigos pensavam, mas estava determinado a mostrar a Teresa que não escaparia sem mais consequências de todo o sofrimento pelo qual o fizera passar. Fosse qual fosse o elo de confiança que tivessem compartilhado antes dos Experimentos e o relacionamento que houvessem tido, não significavam mais nada agora. Podia até experimentar uma espécie de paz ao lado dela, mas decidiu naquele exato momento que só confiaria em Minho e Newt. E em ninguém mais.

Fez menção de abrir a boca para responder, mas o Homem-Rato passou a andar pelo corredor entre as fileiras de cadeiras, enquanto batia palmas.

– Sentem-se todos. Temos coisas para tratar antes de removermos a perturbação causada pelo Dissipador. – Disse aquilo de maneira tão casual que Thomas quase não captou a informação. Quando registrou as palavras removermos a perturbação causada pelo Dissipador, congelou.

A sala ficou em silêncio, e o Homem-Rato subiu ao tablado na frente da sala, aproximando-se da mesa. Apoiando em suas extremidades, repetiu o mesmo sorriso desconfortável de antes e prosseguiu:

– Muito bem, senhoras e senhores. Vocês estão prestes a receber todas as lembranças de volta. Até a última delas.

**T**homas ficou estupefato. Com a mente em um turbilhão, foi sentar-se ao lado de Minho.

Depois de lutar por tanto tempo para recordar sua vida, sua família e sua infância, ou mesmo o que havia feito no dia anterior ao que acordara no Labirinto, a ideia de ter tudo aquilo de volta era quase demais para elaborar. Mas, à medida que a informação ia se assentando na cabeça, percebeu que algo havia mudado. Lembrar-se de todo o passado não parecia mais tão agradável. E as entranhas revirando dentro dele confirmaram o que vinha sentindo desde que o Homem-Rato lhe dissera que estava tudo acabado: aquilo parecia fácil demais.

O Homem-Rato pigarreou para limpar a garganta.

– Tal como informado nas entrevistas individuais, os Experimentos como os conheceram foram finalizados hoje. Uma vez que a memória de vocês seja restaurada, tenho certeza de que acreditarão em mim, e poderemos ir adiante. A todos foi transmitido um breve resumo sobre o Fulgor e as razões para os Experimentos. Estamos muito perto de concluir o Esboço da Zona de Conflito Letal. Os dados que necessitamos para aprimorar o que já temos serão mais adequados se servidos pela plena cooperação de vocês, com a mente em estado de perfeita consciência. Portanto, parabéns.

– Devia ir até aí para quebrar esse seu nariz de mértila – resmungou Minho. O tom da voz estava terrivelmente calmo, considerando a ameaça das palavras.  
– Estou farto de você agir como se tudo fosse lindo; como se mais da metade de nossos amigos não tivesse morrido.

– Adoraria ver o nariz desse rato esmagado! – acrescentou Newt.

A raiva em sua voz impressionou Thomas, que nem sequer pôde imaginar a

que coisas horríveis Newt fora submetido durante a Terceira Fase.

O Homem-Rato revirou os olhos e deixou escapar um suspiro.

– Antes de qualquer coisa, vocês têm de ser advertidos de que haverá consequências caso tentem me ferir. E fiquem informados de que todos ainda estão sob vigilância. Em segundo lugar, sinto muito pela morte de entes queridos, mas no fim terá valido a pena. O que me preocupa, no entanto, é que nenhuma palavra minha parece ter despertado vocês para a gravidade do assunto: falamos aqui da sobrevivência da raça humana.

Minho tomou fôlego, como se fosse iniciar uma briga, mas se conteve e fechou a boca.

Para Thomas, não importava quanta sinceridade o Homem-Rato deixasse transparecer em suas palavras, aquilo tinha de ser um truque. Tudo era um truque. Mas, àquela altura, sabia que nada de bom resultaria em combatê-lo, nem com palavras, nem com os punhos. Por enquanto, precisavam mesmo era de paciência.

– Vamos nos acalmar, pessoal – comentou Thomas com tranquilidade. – Vejamos o que ele tem a nos dizer.

No momento em que o Homem-Rato fez menção de prosseguir, Caçarola o interrompeu:

– Nos dê apenas um motivo para confiar que vocês vão... como foi que chamou? Dissipador? Depois de tudo o que fizeram com a gente, com nossos amigos, querem remover a perturbação causada pelo tal do Dissipador? Não, obrigado. Prefiro continuar ignorando meu passado, mas me sinto profundamente sensibilizado e agradecido.

– O CRUEL é bom – ouviu-se a voz de Teresa num rompante, como se falasse consigo mesma.

– O quê? – perguntou Caçarola. Todos se viraram para encará-la.

– O CRUEL é bom – repetiu, muito alto, ajeitando-se melhor na cadeira para enfrentar o olhar de todo o grupo. – De todas as coisas que poderia ter escrito em meu braço quando acordei do coma, escolhi essas palavras. Já refleti sobre o assunto, e tem de haver uma razão para isso. Precisamos nos calar e fazer o que o homem diz. Só poderemos entender esta situação com a memória restaurada.

– Concordo! – gritou Aris, muito mais alto do que pareceu ser necessário.

Thomas ficou quieto quando a sala irrompeu em discussões. A maioria dos Clareanos estava com Caçarola, e os membros do Grupo B, do lado de Teresa. Não poderia haver um momento pior para uma batalha de egos.

– Silêncio! – grunhiu o Homem-Rato, batendo o punho no tablado. Esperou que todos se calassem para continuar: – Ninguém vai culpá-los pela desconfiança que sentem. Vocês foram pressionados até o máximo do limite físico, viram pessoas morrer, experimentaram o terror na sua mais genuína manifestação. Mas prometo a vocês que, quando tudo tiver sido dito e feito, ninguém vai se lamentar.

– E se não quisermos participar disso? – gritou Caçarola. – E se não quisermos a memória de volta?

Thomas se virou para encarar o amigo, de certo modo aliviado. Era exatamente no que estava pensando desde o princípio.

O Homem-Rato suspirou.

– Qual é o motivo? Não têm interesse em se lembrar do passado ou não confiam em nós?

– Bem, não consigo nem imaginar por que não confiaríamos em vocês... – replicou Caçarola.

– Será que não entendem que, se quiséssemos fazer algo para prejudicá-los, já o teríamos feito? – O olhar do homem se perdeu no tablado, depois tornou a erguer os olhos. – Se não quiserem remover a perturbação do Dissipador, não o façam. Podem ficar de lado e observar os outros.

Seria mesmo uma possibilidade de escolha, ou mais um truque? Pelo tom do homem, Thomas não pôde afirmar, embora tivesse se surpreendido com a resposta.

Mais uma vez a sala mergulhou em silêncio, e, antes que mais alguém se manifestasse, o Homem-Rato se retirou do tablado, encaminhando-se para a porta nos fundos da sala. Quando a alcançou, voltou-se para eles de novo:

– Desejam mesmo passar o resto da vida sem se recordar de quem são seus pais? Da família e dos amigos? Querem mesmo perder a chance de recuperar pelo menos as poucas boas lembranças que podem ter tido antes de tudo isso começar? Por mim, tudo bem. Mas saibam que pode não haver outra oportunidade.

Thomas avaliou sua decisão. Era verdade que desejava recordar sua família.

Havia imaginado isso tantas vezes! Mas não conhecia o CRUEL. E não se permitira cair em outra armadilha. Lutaria até a morte antes de deixar que essas pessoas voltassem a fazer Experimentos em seu cérebro. De qualquer maneira, como poderia confiar sem sombra de dúvida nas memórias que fossem restauradas?

Havia ainda outra coisa que o incomodava – a sensação que sentira quando o Homem-Rato tinha anunciado pela primeira vez que o CRUEL removeria a perturbação do Dissipador. Além de ter consciência de que não poderia aceitar pura e simplesmente o que o CRUEL restaurasse como suas lembranças, estava apavorado. Se tudo aquilo que insistiam ser verdade fosse mesmo verdade, não desejava encarar o passado, ainda que pudesse. Não compreendia a pessoa que lhe apresentavam como sendo ele mesmo antes de tudo aquilo. E, sobretudo, não gostava dessa pessoa.

Observou o Homem-Rato abrir a porta e deixar a sala. Assim que desapareceu da vista, Thomas se aproximou de Minho e Newt para que apenas os dois amigos pudessem ouvi-lo:

– Nem pensar em fazermos o que eles querem. De jeito nenhum.

Minho cutucou o ombro de Thomas com o seu.

– Concordo com você. Mesmo que confiássemos nesses trolhos, que bem poderiam fazer essas recordações? Lembrem-se do que fizeram a Ben e Alby...

Newt concordou com um gesto de cabeça.

– Precisamos tomar providências imediatas. E, quando o fizermos, vou socar algumas cabeças pra me sentir melhor.

Thomas concordava com o amigo, mas também sabia que deveriam ser cuidadosos.

– Não muito imediatas – falou. – Não podemos estragar tudo; precisamos aguardar o melhor momento. – Vinha seguindo essa intuição desde que saíra do quarto branco, e ficou surpreso com a sensação de força que percorreu seu corpo. Estava reunido com seus amigos, e aquele era o fim dos Experimentos – para sempre. De um modo ou de outro, não seriam mais escravos do CRUEL.

Levantaram-se e, juntos, encaminharam-se para a porta. Mas, quando Thomas fez menção de pousar a mão na maçaneta para abri-la, estacou. O que ouvia fez seu coração se apertar. Os demais ainda conversavam, e a maioria

havia decidido recuperar a memória.

O Homem-Rato os aguardava do lado de fora do auditório. Conduziu-os ao longo do corredor sinuoso sem janelas, até que chegaram a uma grande porta de aço, parecendo trancada sob extrema segurança e isolada hermeticamente. O homem de branco aproximou um cartão-chave de uma fenda quadrada no aço, e, após alguns cliques, a grande placa de metal se abriu com um rangido que fez Thomas recordar as Portas da Clareira.

Em seguida, havia outra porta. Quando todo o grupo havia entrado em um pequeno vestíbulo, o Homem-Rato fechou a primeira porta e, com o mesmo cartão, destrancou a segunda. Do outro lado despontou uma grande sala, que não parecia ter nada especial – o mesmo piso ladrilhado e as mesmas paredes bege do corredor. Diversos armários e balcões. E várias camas alinhadas ao fundo, cada uma com um dispositivo mecânico ameaçador, de aparência estranha, feito de metal brilhante e com um tubo de plástico que lembrava uma máscara pendendo sobre a cama. Thomas não conseguia se imaginar permitindo que alguém colocasse aquela coisa em seu rosto.

O Homem-Rato apontou para as camas.

– É assim que vamos remover a perturbação do Dissipador do cérebro de vocês – anunciou. – Não se preocupem; sei que os dispositivos parecem ameaçadores à primeira vista, mas o procedimento não vai machucá-los tanto quanto imaginam.

– Não vai machucar tanto? – repetiu Caçarola. – Não gostei dessa frase. Quer dizer que vai machucar, é isso?

– Digamos que vocês experimentarão um pequeno desconforto, afinal, trata-se de uma cirurgia – explicou o Homem-Rato ao se dirigir a uma grande máquina à esquerda das camas, dotada de dezenas de luzes piscantes, botões e telas. – Vamos remover um pequeno dispositivo da parte do cérebro destinada à memória de longo prazo. Mas não é tão ruim quanto pode parecer, prometo a vocês. – Passou a pressionar botões, e um zumbido encheu a sala.

– Espere um segundo – disse Teresa. – Isso vai levar embora também o que quer que tenham colocado na gente que permite a vocês nos controlar?

Na mente de Thomas surgiram algumas imagens: Teresa naquele prédio no Deserto. Alby se retorcendo na cama lá na Sede. Gally matando Chuck.

Estavam sob o domínio do CRUEL. Por um rápido momento, Thomas duvidou de sua decisão. Será que deveria realmente continuar à mercê deles? Ou deveria concordar com a operação? Mas logo a dúvida se dissipou, por pura desconfiança. E recusava-se a ceder.

Teresa continuou:

– E quanto a... – gaguejou, e seu olhar buscou Thomas.

Sabia no que Teresa estava pensando: a habilidade de se comunicarem telepaticamente. Sem mencionar o que a acompanhava – a estranha percepção um do outro quando as coisas funcionavam bem, quase como se estivessem compartilhando o mesmo cérebro. De súbito, a ideia de perder aquela capacidade para sempre encheu Thomas de alegria. Talvez o vazio de não ter Teresa com ele também desaparecesse.

Teresa se recuperou e prosseguiu:

– Tudo vai sair dali? Tudo?

O Homem-Rato aquiesceu.

– Tudo, exceto o minúsculo dispositivo que nos permite mapear os padrões da sua Zona de Conflito Letal. E nem precisa me dizer o que está pensando, porque posso ver em seus olhos; não, você, Thomas e Aris não vão mais conseguir fazer aquele truquezinho de vocês. Nós desligamos essa habilidade, mas agora isso vai embora para sempre. No entanto, terão a memória de longo prazo restaurada, e não conseguiremos mais manipular a mente de vocês. Lamento que seja uma oferta que venha em um pacote. É pegar ou largar.

Os demais que se encontravam na sala estavam confusos e sussurravam perguntas uns aos outros. Um milhão de coisas deviam passar pela cabeça deles naquele instante. Havia muita coisa em que pensar; demasiadas implicações. Razões de sobra para estarem furiosos com o CRUEL. Mas o instinto de combate parecia ter sido banido do grupo, substituído por uma ansiedade em dar um fim a tudo aquilo.

– Aquele negócio é um descerebrizador – disse Caçarola. – Vocês entenderam? Um descerebrizador. – A única resposta que recebeu foram alguns grunhidos.

– Bem, acho que estamos prontos – anunciou o Homem-Rato. – Uma última coisa. Há algo que preciso lhes dizer antes que recuperem a memória. É melhor que ouçam isso de mim em vez de... se lembrarem após o

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A Cura Mortal"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).